



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JESIANE SILVA RODRIGUES

**MASCULINIDADES NEGRAS:
APROXIMAÇÃO ATRAVÉS DE NARRATIVAS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

JESIANE SILVA RODRIGUES

**MASCULINIDADES NEGRAS:
APROXIMAÇÃO ATRAVÉS DE NARRATIVAS**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do professor Dr. Marcos Carvalho Lopes.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

JESIANE SILVA RODRIGUES

**MASCULINIDADES NEGRAS:
APROXIMAÇÃO ATRAVÉS DE NARRATIVAS**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 04 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Carvalho Lopes (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Lídia Lima da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Pela força espiritual para a realização desse trabalho.

Ao meu pai (*in memoriam*)

À minha Mainha,

Pelo eterno orgulho de nossa caminhada, pelo apoio, compreensão e ajuda.

Aos meus irmãos Maria Betânia e Jean Carlos

Aos amigos e amigas,

Pela cumplicidade, ajuda e amizade.

Ao professor Marcos Carvalho Lopes,

Pela orientação e apoio!

Nunca se é uma pessoa inteira se guardas silêncio, porque esse pedacinho fica sempre dentro de ti e quer sair, e se segues ignorando-o, ele se torna cada vez mais irritado e furioso e se nunca o deixa sair, um dia ele diz: basta! E te dá um soco dentro da boca".

Audre Lorde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	TEMA	9
3	DELIMITAÇÃO DO TEMA	9
4	PROBLEMA DE PESQUISA	9
5	OBJETIVOS	10
5.1	GERAL	10
5.2	ESPECÍFICOS	10
6	HIPÓTESES	10
7	JUSTIFICATIVA E EMBASAMENTO TEÓRICO	11
7.1	GÊNERO E MASCULINIDADES NEGRAS	11
7.2	O SIGNIFICANTE “NEGRO”	13
7.3	ESTEREÓTIPOS DAS MASCULINIDADES NEGRAS EM ALGUMAS NARRATIVAS	14
7.4	LUGAR DE FALA E POLÍTICA DE ESCUTA	16
8	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
9	CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	19
10	RESULTADOS ESPERADOS	20
	REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 - No filme **Moonlight** (2017) Juan (Mahershala Ali) ensina Chiron (interpretado na infância por Alex Hibbert) a nadar



Fonte: <<https://www.hollywoodreporter.com/news/moonlight-people-v-oj-simpson-night-manager-win-usc-scripter-awards-974721> apud Thr Staff (2017)

Este trabalho propõe uma investigação dos estereótipos das masculinidades negras, a partir de diversas narrativas. Nesta introdução apresentarei: (1) a motivação desta pesquisa, a partir do filme **Moonlight**; (2) a noção de identidade como busca de individualidade a partir de scripts sociais de Appiah; e (3) exemplificada pelo cuidado de Lázaro Ramos na escolha de seus personagens.

Barry Jenkins, o diretor do filme **Moonlight**, numa entrevista para a rádio BBC, fala da recepção do filme e considera que a narrativa trouxe algo novo. Uma dessas imagens está expressa na cena em que o afro-cubano John ensina o jovem Chiron a nadar. Em certo momento, John adverte Chiron: “Em algum ponto, você terá que escolher por si mesmo quem você será. Não deixe ninguém tomar esta decisão por você” (GEORGE, 2018).

O filme **Moonlight** chamou minha atenção por tratar dos conflitos nas possibilidades de identidades negras. O protagonista Chiron, vive o dilema da pressão social em torno do ser negro. Durante todo filme, ele tenta seguir a orientação do John, na busca por autenticidade, mas parece que não lhe é permitido, como se essas identidades não lhes fossem possíveis, como negro e homossexual, sendo ele também submetido a uma série de violências simbólicas.

K. Anthony Appiah teoriza também sobre esses conflitos na construção de identidades trazidos nas narrativas do **Moonlight**.

As abundantes identidades colectivas que apelam ao reconhecimento surgem com noções de como uma pessoa decente desse tipo se comporta: não é que haja *um* modo como os homossexuais ou os negros se devam comportar, mas há modos de comportamento homossexual e negro. Estas noções fornecem normas ou modelos indefinidos, de como atuar na construção de seu plano de vida, que fazem estas identidades colectivas centrais para as suas identidades individuais. Em suma, as identidades colectivas fornecem o que podemos chamar *scripts* (manuscritos): narrativas que as pessoas podem usar ao moldar os seus planos de vida e ao contar as histórias de suas vidas (APPIAH, 1994: p.175-176, adaptado).

Appiah é asante, inglês, ganês, naturalizado norte-americano, negro, homossexual, casado a mais de trinta anos, teórico do cosmopolitismo; acredita que a construção da identidade individual não deve se prender à *scripts* de modo essencializado. Esses *scripts* essencializados parecem reproduzir estereótipos. O ator Lázaro Ramos descreve no livro ensaístico Na **minha pele**, as dificuldades que tem em sua carreira como autor para a escolha de seus personagens, de modo a se desviar dos estereótipos e scripts pré-definidos:

Já me peguei pensando não em criar um personagem com suas incoerências, qualidades e defeitos, mas em como faria aquele personagem ser alguém “gostável”. Mesmo porque percebi que os personagens de grande sucesso na televisão brasileira — não estou falando dos de sucesso momentâneo, não, os de grande sucesso mesmo — feitos por atores negros estavam inseridos no campo da comédia ou encarnavam sofredores. Personagens negros com autoestima e alto poder aquisitivo tinham dificuldade de ser aceitos. Uma incoerência? Talvez, mas no meu momento de criação as minhas escolhas passam por aí e calculo o preço que posso pagar se seguir outro caminho (RAMOS, 2017, p.103-104).

A investigação que este trabalho propõe, sobre as narrativas de masculinidades negras, é uma tentativa de fugir e problematizar estereótipos, que reproduzem e moldam identidades preconceituosas. A luta pela construção de identidades autônomas está no filme e nas demais narrativas que investigaremos. O ator brasileiro Lázaro Ramos sintetiza esta luta por autonomia diz:

Muitas vezes o racismo faz com que a gente não trilhe nosso caminho e comece a pautar nossas ações pela demanda do preconceito. Às vezes não seguimos adiante porque paramos nos limites impostos pela sociedade, e nós temos que caminhar mais, temos que entender a complexidade das coisas, das pessoas, temos que ter liberdade. Até onde isso é uma ação ou uma resposta ao preconceito? Estou buscando a liberdade ou respondendo aos limites que o racismo me impõe? Quero crer que escolhi uma maneira de não viver pela demanda do racismo. Ao não aceitar caixas que seriam mais facilmente adaptáveis, busco a libertação. (RAMOS, 2017: p.102).

2 TEMA

Recontextualizar e analisar representações das masculinidades negras em algumas narrativas

3 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Investigar e interpretar as representações das masculinidades negras em algumas narrativas, tais como: Diaspóricas (os filmes **Moonligh** e **Pantera Negra**), provenientes do continente africano (a Peça Teatral o **Leão e a Joia** e o filme **Taaf Fanga**) e afro-brasileiras (o livro ensaio de Lázaro Ramos **Na minha Pele**). Identificar os aspectos em comum e de tensão entre elas.

4 PROBLEMA DE PESQUISA

Como são representadas as masculinidades negras nas narrativas diaspóricas (os filmes **Moonligh** e **Pantera Negra**), provenientes do continente africano (a Peça Teatral o **Leão e a Joia** e o filme **Taaf Fanga**) e afro-brasileiras (o livro ensaio de Lázaro Ramos **Na minha Pele**)? Será que existem aspectos convergentes e divergentes entre estas narrativas?

5 OBJETIVOS

5.1 GERAL

O projeto de pesquisa tem como principal objetivo investigar como as masculinidades negras aparecem em narrativas diaspóricas (os filmes **Moonligh** e **Pantera Negra**), provenientes do continente africano (a Peça Teatral o **Leão e a Joia** e o filme **Taaf Fanga**) e afro-brasileiras (o livro ensaio de Lázaro Ramos **Na minha Pele**).

5.2 ESPECÍFICOS

- Investigar e recontextualizar as narrativas dos filmes *Moonlight* e *Pantera Negra*, como representações que partem da cultura negra norte-americana, mas que tem uma repercussão global (dada a hegemonia cultural deste país);
- Averiguar e recontextualizar as narrativas do filme *Taaaf Fanga* e da peça teatral *O Leão e a Joia*, como representativas das masculinidades negras africanas;
- Investigar e recontextualizar como as masculinidades negras como descritas no livro *Na minha Pele* de Lázaro Ramos;
- Reescrever os pontos de convergência, divergência e tensão entre essas representações das masculinidades negras nestas diversas narrativas.

6 HIPÓTESE

Acreditamos que as representações das masculinidades negras, que aparecem em algumas narrativas carregam imagens estereotipadas, que reforçam o imaginário social pré-constituído a respeito do corpo negro.

Consideramos que existem pontos de convergência e divergências entre as diversas narrativas que representam as masculinidades negras.

7 JUSTIFICATIVA E EMBASAMENTO TEÓRICO

A escolha deste tema como projeto de pesquisa foi motivada pelo meu interesse pessoal em questões relacionadas a gênero, especialmente ligadas ao feminismo. Para justificar este projeto, seguirei os seguintes passos: (1) gênero e masculinidades negras; (2) o significante “negro”; (3) estereótipos das masculinidades negras e (4) justificar essa investigação em relação ao discurso sobre lugar de fala de políticas de escuta.

Um dos pressupostos deste trabalho é buscar uma abordagem narrativa, que desenvolva a imaginação como habilidade para a cidadania democrática. Neste sentido acompanhamos Martha C. Nussbaum para quem a imaginação narrativa:

significa a capacidade de pensar o que poderia ser estar na posição de uma pessoa diferente de si mesmo, de ser um leitor inteligente da história da outra pessoa e de compreender os desejos, as emoções e as vontades que alguém assim colocado poderia ter. O cultivo da simpatia tem sido uma parte fundamental das melhores ideias modernas quanto a educação progressiva tanto nas nações ocidentais quanto nas não-ocidentais. Como tenho observado, a imaginação moral, sempre sob a ameaça do medo e do narcisismo, está apta a tornar-se obtusa se não for energeticamente refinada e cultivada através do desenvolvimento da simpatia e da preocupação com o outro. Aprender a ver outro ser humano, pessoa não é uma realização automática: deve ser promovida por uma educação que refina a capacidade de pensar sobre o que a vida interior dos outros pode ser assim como é também compreender por que razão alguém nunca poderá compreender claramente esse mundo interior, por que toda pessoa sempre possui certos pontos escuros fechados a qualquer outra. (NUSSBAUM,2009, P.21-22).

7.1 GÊNERO E MASCULINIDADES NEGRAS

Susana de Castro (2014, p.14), baseando-se nas teses de Simone de Beauvoir, afirma que gênero é um conceito válido para todas as áreas dos conhecimentos, que “buscam investigar criticamente os modos e comportamentos socialmente aceitos, e os valores que estes refletem”, ou seja, estes remetem as representações sociais e culturais dos sexos. Este conceito surgiu para justificar as diferenças que vão além do sexo / biológico.

As estruturas sociais e as relações de poder estão fincadas no patriarcalismo, nas quais os homens estão em condição de privilégio e dominação. Todavia, existem aspectos e manifestações que caracterizam complexidades nestas relações, que excluem homens que não estão enquadrados nas representações normativas do “masculino”. Nesta perspectiva, Robert W. Connell (2003, p.245) faz uma *crítica* ao conceito de masculinidade, o qual toma *como* a “concepção heteronormativa que ignora a diferenciação e a exclusão dentro das categorias de gênero”, marginalizando ou naturalizando o corpo. Esta masculinidade tida como hegemônica: “branca, heterossexual e dominante”, foi pesquisada e questionada por estudiosos das mais diversas áreas das ciências humanas e sociais, já que há especificidades, as quais tornam as masculinidades diferentes (Gerschick e Miller,1994; Jansen e Sabo et at, 1994; Martino, 1995; Messerschmidt et at,1995; Messner, 1992; Sabo e Gordon, et al, 1995;):

A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular. (CONNELL,2003, p.250).

Este processo de construção social, onde alguns homens são inseridos e socializados, marginaliza outros tipos de masculinidades.

[...] não existe uma única masculinidade, apesar de existirem formas hegemônicas e subordinadas a ela. Tais formas baseiam-se no poder social dos homens, mas são assumidas de modo complexo por homens individuais que também desenvolvem relações harmoniosas com outras masculinidades (KAUFMAN, 1995 *apud* SANTOS,2007, p.131).

De acordo com Osmundo Pinho (2004), algumas masculinidades estão estruturadas socialmente como dominantes, relativamente subalternizadas, e totalmente subordinadas as ordens de representações sociais. E ainda de acordo com ele, “seria possível falar em masculinidades hegemônicas ou hegemônicas e em subalternas ou subalternizadas”. Sobre esses aspectos, ele ainda destaca

hegemônicas e subalternas não estão definidos essencialmente, mas sim como sujeitos políticos engajados em jogos de poder e dominação que ocorrem em contextos sociais estruturados, porém abertos à inovação. Isso implica em segundo lugar, a consideração de hegemonias regionais, por exemplo, ligadas à vida doméstica ou ao exercício da sexualidade – e um deslocamento entre sujeitos sociais de gênero e estruturas de gêneros. (PINHO,2004, p.65).

De acordo com as estruturações sociais, possivelmente se tenha uma ideia do modelo de masculinidades hegemônicas socialmente ocidentalizada, representada de forma quase determinante: um homem branco, heterossexual, cristão e pertencente a uma classe social estável. Logo, outros tipos de diferentes localizações sociais de masculinidades estariam sujeitos, parcialmente ou totalmente, às diferentes formas de subalternizações.

Quanto as masculinidades negras, comparadas com este modelo de masculinidades hegemônicas assinalado no texto do Connell, pode-se perceber que elas são subordinadas pelas práticas sociais, já que este modelo é patriarcal e racista. Ainda é possível notar a existência de outros grupos sociais que estão em posições de masculinidades subalternizadas, como os homossexuais, “afeminados”, travestis, assexuados, transgênero, pobres, etc.

Nos estudos da bell hooks, a masculinidade, indica força, virilidade, vigor, aptidão física que conferem ao masculino uma soberania em relação ao feminismo, os sistemas de sociedades americanas, já que estes valores estão como base de constituição do colonialismo, do escravismo e do Estado Nacional. Através desta preposição, hooks, problematiza a formação das masculinidades negras, uma vez que “os homens negros escravizados e colonizados, foram impedidos de apresentarem as suas masculinidades e reconstituírem-se” de acordo com as singularidades masculinas das sociedades africanas. (hooks, 1992, p.11-15)

bell hooks, ainda fala sobre a diferença na divisão sexual do trabalho, no continente americano em relação as sociedades tradicionais africanas. Esses aspectos, junto as violências físicas e psicológicas na exploração do trabalho escravo. Isso teria resultado na masculinização

da mulher negra e na castração dos homens negros. Os homens negros ficaram vinculados a um plano de masculinidade imposta, que reduziu as alternativas de construção de suas próprias masculinidades, que os levaram a buscar efetivação na afirmação da violência. (hooks,1992, p.23)

Os conceitos de masculinidades negras concebidos a partir desta realidade, trazem a ideia de perigo e da violência, como também a hipersexualidade do corpo negro, características presentes nos estereótipos e mitos que sustentam a narração unilateral ao fortalecimento do estado de dominação racial e sexistas que surgiram a partir do colonialismo e escravismo. Estes conceitos, estão presentes nos scripts sociais que moldam as identidades das masculinidades negras, que reificam suas possibilidades de existência, (auto) compreensão e transformação. Segue, um exemplo em Cornel West;

[...] para a maioria dos homens negros homossexuais que rejeitam a opção dominante do estilo machista, mas são, por isso mesmo, marginalizados na sociedade dos brancos e penalizados na comunidade negra. Em seus esforços para serem eles próprios, acabam acusados de não serem realmente “homens negros”, de não se identificarem com o machismo. (WEST, 1994, p.107).

Após esta apresentação sumária do tema masculinidades negras, investigaremos na sequência o significante "negro".

7.2 O SIGNIFICANTE “NEGRO”

Partindo da mobilização e análise feita por Stuart Hall (1997), da concepção de representação, chegamos a ideia de significado:

é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano. (HALL apud SANTI, Heloise C. & SANTI, Vilson J. C. 2008, p.2).

No entanto, a representação, segundo Hall, seria um trabalho prático. Sendo também, a base pra construções das identidades. As linguagens estão na base deste sistema de representações, os quais delimitam os significados:

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou

verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra. (HALL, 1997, p.61).

As representações sociais são lavradas rapidamente na sociedade, dando sentido e trazendo conseqüências. Segundo Gracira Lopes, algumas representações são tão perceptíveis que passam a serem vistas como uma realidade social. Nas diversas sociedades, as representações que predominam, foram desenvolvidas a partir de narrativas hegemônicas, as quais favorecem um grupo em detrimento de outros. Essas representações foram desenvolvidas, por meio de um imaginário social eurocêntrico que estabeleceu um padrão normativo do homem, sendo ele branco, heterossexual, religioso. Logo, quem não estivesse dentro deste padrão eram tidos como “anormais”, adjetos, e sujeitos não sociáveis.

Foram formulados alguns “marcadores sociais”, a partir de teorias biológicas, as quais utilizavam as marcas corporais, como objetos de diferenciação, a fim de homogeneizar e normalizar as inferiorizações de determinados grupos. A objetificação do africano escravizado foi transformada em teorias racistas, no final do século XIX e início do século XX, baseadas nas teorias biológicas ditas científicas. O princípio de raça, iniciou-se como uma desses marcadores sociais, resultando na essencialização das identidades.

No livro *a Crítica da Razão Negra*, Mbembe aborda que só é possível falar de raça por meio de uma linguagem irregular. Visto que é uma forma de representação primária, na qual não se sabe seu conteúdo, logo se destina como os simulacros de superfície. Conseqüentemente, “(...) a raça será um complexo perverso, gerador de medos e de tormentos, e de problemas do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes.” (Mbembe, 2014, 25). Trata-se da prática do alterocídio, construindo o Outro como não semelhante a si mesmo, mas como objeto ameaçador, que é essencial se proteger, se desfazer, até mesmo destruir, por não conseguir o seu controle total. Criada com a intenção de desviar atenção dos conflitos como a luta de classe, de sexo. Neste sentido, até que ponto podemos falar de uma masculinidade negra convergente?

7.3 ESTEREÓTIPOS DAS MASCULINIDADES NEGRAS EM ALGUMAS NARRATIVAS

Os estereótipos se apossam das características mais simples, vividas, memoráveis, de fácil apropriação e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa, reduzem tudo sobre a pessoa a essas características, exageram e simplificam-nas sem mudança e desenvolvimento para a eternidade. [...] O primeiro ponto é – os estereótipos reduzem, essencializam, naturalizam e fixam a “diferença”. Em segundo lugar, os estereótipos implantam uma estratégia de “divisão”. Eles dividem o que é normal e aceitável daquilo que é anormal e inaceitável. Em seguida, eles excluem ou expõem tudo o

que não se encaixa. [...]então, outra característica dos estereótipos é a sua prática de “fechamento” e exclusão. [...]os estereótipos, em outras palavras, formam parte da manutenção de uma ordem social e simbólica. [...] O terceiro ponto é que os estereótipos tendem a ocorrer onde há grandes desigualdades de poder. (HALL, 1997, p. 258).

Hall, faz uma análise sobre o estereótipo que também é uma prática representacional. O autor afirma que o estereótipo é uma forma hegemônica e discursiva de poder, típica de um sistema racionalizado de representações. Como já foi dito, as representações possuem um poder de marcar, hierarquizar o mundo, trazendo a ideia de “anormal”, excluindo o diferente.

Os negros foram associados a tudo que se remete a bruto, animal, no que traduz na ideia alimentada de que os homens negros não pensam, não sentem, não demonstram afetividade, pois faltaria justamente a consciência sobre si e a falta de capacidade de articular sentimentos em palavras. (hooks 1992, FANON, 2008, MBEMBE,2014). Estas ideias possivelmente têm lastro na escravidão, racismo, violações, a necessidade de sobrevivência, como escravizado. Esses estereótipos atribuídos ao negro, foram forjados com o objetivo de inferiorizar. Nilma Gomes destaca, que a inferiorização do corpo negro foi uma ferramenta utilizada pelo sistema escravista para justificar a dominação e exploração do homem negro e esconder as intenções econômicas e políticas. Ainda segundo ela, o corpo do branco europeu serviu para formulação de um padrão de beleza hegemônico que açodar e estigmatiza o grupo étnico-racial negro até hoje.

Pretendemos com este trabalho analisar como os estereótipos das masculinidades negras aparecem em algumas narrativas:

Leão e a Joia- O conflito entre a modernidade e a tradição apresentado (na peça do nigeriano Wole Soyanka), também questiona as masculinidades negras e seus papéis sociais.

Taaf Fanga- Na sua narrativa , o filme traz a inversão dos papéis sociais entre gêneros. Na perspectiva Dogon, os gêneros estão vinculados numa cosmologia. Sempre que há um conflito, no final a ordem é “restabelecida”.

Na minha pele: O livro ensaio que traz a dificuldade das masculinidades negras serem representadas como protagonistas no Brasil, fora dos scripts estereotipados já determinados pela sociedade.

Moonlight: O filme traz uma perspectiva norte-americana, onde as narrativas colocam em questão a construção de masculinidades negras nos Estados Unidos. O protagonista entra em conflito com os scripts sociais de masculinidades negras.

Pantera Negra: O filme que teve uma repercussão global, é exaltado como sendo representativo.

7.4 LUGAR DE FALA E POLÍTICA DE ESCUTA

Diferentemente do que se difunde socialmente, o conceito de lugar de fala, não é “a restrição de troca de ideias, a imposição de uma visão ou encerramento de uma opinião”, mas segundo Djamila Ribeiro, o lugar de fala é uma ferramenta crítica que se utiliza para criticar e discutir sobre alguns discursos impostos socialmente, levando em consideração “o lugar que ocupamos socialmente”, “entendendo o quanto raça, gênero, classe e sexualidade se entrecruzam, gerando formas diferentes de experienciar opressões”, pois este “nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”.(BAIRROS apud RIBEIRO, 2017,p.69-p.71, p. 89). A autora ainda fala da importância da pluralidade no discurso para se ter uma democracia, tendo em vista, “ser contra os discursos hegemônicos” e “o rompimento instituído para quem foi subalternizado”. (*idem* p.90).

[...] entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social, consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados. (RIBEIRO,2017, p.86).

Marcia Tiburi (2018), também aborda o lugar de fala, assinalando a importância do reconhecimento da perspectiva de dor do outro, o que exige um comportamento ético- político de escuta para a democracia. A filósofa, assim como eu, acredita no método dialógico, como um meio de revolução e transformação social.

Não é possível falar do lugar de fala sem pressupor o diálogo enquanto reconhecimento do outro. Por isso é que se torna necessário separar o lugar de fala do lugar da dor. O lugar da dor é de cada um e em relação a ele, só podemos ter a escuta. Já o lugar de fala é o lugar democrático em relação ao qual precisamos de diálogo, sob pena de comprometer a luta. Às vezes um lugar de fala pode ser um lugar de dor, às vezes um lugar de dor pode ser um lugar de fala. Se o lugar de fala é abstrato e silencia o outro onde deveria haver diálogo, então ele já não é mais um lugar político, mas um lugar autoritário que destrói a política no sentido das relações humanas que visam o convívio e a melhoria das condições de vida da sociedade. (TIBURI,2017).

Quando pensamos na construção democrática como um processo de diálogo, seguindo Tiburi, temos a justificativa do nosso trabalho, pois;

assim como não deve haver hierarquia de opressão, não deve haver hierarquia de luta. O protagonismo dos sujeitos marcados não pode se tornar motivo para que os marcados diferentemente não lutem por todos [...]O paradoxo da luta que alimenta a

opressão só pode ser ultrapassado pela razoabilidade do seu efeito concreto. (TIBURI,2018, p.119-120).

O objetivo desta pesquisa é propor uma investigação e análise sobre as representações das masculinidades negras em algumas narrativas. Levando em conta a responsabilidade implícita na tentativa de falar de “outros” lugares, visando uma reflexão desconstruída e empoderada sobre os processos (ou estilos,) de masculinidades negras, devemos pressupor interrogação: “Esta pesquisa vai permitir o fortalecimento e empoderamento das pessoas oprimidas? A necessidade desta constante avaliação é algo destacado pela filósofa Linda Alcoff, já que

the practice of speaking for others is often born of a desire for mastery, to privilege oneself as the one who more correctly understands the truth about another's situation or as one who can champion a just cause and thus achieve glory and praise. And the effect of the practice of speaking for others is often, though not always, erasure and a reinscription of sexual, national, and other kinds of hierarchies. (ALCOFF, 2008, p.22).

8 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Redescrição e contextualização das narrativas fílmicas, teatrais e ensaísticas como representações de masculinidades negras;
- Utilização de entrevistas semiestruturadas sobre o filme Pantera Negra para a construção do discurso do sujeito coletivo.

O Discurso do Sujeito Coletivo-DSC é uma proposta metodológica de investigar e apresentar as Representações Sociais obtidas por meio de pesquisas. Nessas pesquisas, as ideias e expressões singulares “que apresentam sentido semelhantes são agrupados” como significação coletiva.

O diferencial da metodologia do DSC é que a cada categoria estão associados os conteúdos das opiniões de sentido semelhantes presentes em diferentes depoimentos, de modo a formar com tais conteúdos um depoimento síntese, redigido na primeira pessoa do singular, como se tratasse de uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo. (Lefèvre e Lefèvre 2013).

9 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividades	1º semestre	2º semestre	3º semestre	4º semestre	5º semestre	6º semestre
Revisão bibliográfica através de leituras e fichamentos de livros, artigos, dissertações, teses sobre.	X	X				
Revisão bibliográfica através de leituras, resumos e fichamentos de livros, artigos, dissertações, teses sobre		X	X			
Revisão bibliográfica através de leituras e fichamentos de livros, artigos, dissertações, teses sobre crise das Humanidades.		X	X	X	X	
Escrita de artigo científico sobre					X	X
Revisão de escrita e submissão de artigo científico para publicação.						X
Partição apresentando comunicação sobre o projeto em ao menos um evento científico.						X
Publicação de resumo em anais de evento.						X

10 RESULTADOS ESPERADOS

Em termos de resultados, espera-se depois da realização deste projeto:

- Um artigo científico submetido para publicação ao final do período de investigação deste projeto;
- Participação apresentando comunicação sobre o projeto em ao menos um evento científico e;
- Publicação de resumo em anais de evento acadêmico.
- Revisão e adaptação como projeto de conclusão de curso de terminalidade (História).

REFERÊNCIAS

ALCOFF, M. Linda. **The Problem of speaking for others. 2008.**

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade e diferenciação.** Cadernos Pagu, n. 26, jan.-jun. 2006.

CONNELL, Robert W.; E MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 424, janeiroabril/2013. pp.241-282.

Disponível em: <http://alcoff.com/content/speaothers.html>. Acesso em: 15/05/2018

Disponível em:

https://www.academia.edu/1420907/Qual_%C3%A9_a_identidade_do_homem_negro.

Acesso em: 22/02/2018

FANON,Frantz. **Pele negra, mascaras brancas.** Bahia: Editora Edufba, 2008.

FREITAS, Shirley. SILVA, Cristiane. **Manual de Formatação de textos – UNILAB (campus dos malês).** 2017.Disponível em:

file:///C:/Users/Mercadinho%20Bet%C3%A2nia/Downloads/Manual%20de%20Formatacao%20de%20textos_FINAL%20TCC.pdf. Acesso em: 02/06/2018.

GAY, Roxane. **Má feminista: Ensaios provocativos de uma ativista desastrosa/ Roxane Gay;** [tradução Tássia Carvalho]. Barueri: Novo Século Editora, 2016.

GEORGE, Joseph. “Who Is You?”: *Moonlight* in the Social Scriptorium. Disponível em: <<https://partiallyexaminedlife.com/2017/05/19/who-is-you-moonlight-in-the-social-scriptorium/>>. Consultando em 25/05/2018

GILROY, Paul. **Entre Campos: Nações, Culturas e o fascínio da Raça.** São Paulo, Annablume,2007.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação.** Revista Brasileira de Educação, n. 23, maio-ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>. Acesso em: 23/04/2018.

_____. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?.** Revista Brasileira de Educação, n. 21, set.-dez. 2002.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>. Acesso em: 23/04/2018.

HALL,Stuart. **Que “negro” é esse da cultura negra?** In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** Liv Sovik (Org.). Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.

_____.**The Work of Representation.** In: _____. Representation, Cultural Representations and Signifying Practices. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997.

Hooks,bell. **Postmodern Blackness.** In: **Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics.** Boston:South End P, pp: 624-631, 1990.

_____. **Reconstructing Black Masculinity.** In _____. *Black Looks: race and representation.* Boston: South End Press, 1992

_____. **We Real Cool: black man and masculinity.** New York: Routledge, 2004

KERNER, Ina. **Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo.** *Novos Estudos* 93. JULHO 2012. Pp. 44-59.

Lefevre F, Lefevre AMC. **Discurso do Sujeito Coletivo: Representações sociais e intervenções comunicativas.** *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2014, p. 502-7
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n2/pt_0104-0707-tce-23-02-00502.pdf .
Acesso em: 10/05/2018

Lefevre,A.M.C; CRESTANA,M.F.; CORNETTA, V.K. **A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização “Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde-CADRHU”, São Paulo-2002.** *São Paulo Saúde e Sociedade* v.12, n.2. p.68-75.2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v12n2/07.pdf>. Acesso em: 10/05/2018

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade.* In: _____. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MBEMBE,Achille . **Crítica da Razão Negra.** Lisboa: Editora Antígona, 2014, pp 25-137.

MONGA, Célestin. **Nilismo e negritude: as artes de viver na África/ Célestin Monga;** tradução Estela dos Santos Abreu. _São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MOONLIGHT: *Sob a luz do luar.* Direção: Barry Jenkins. EUA, 2016

NOLASCO, S. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. ***O mito da masculinidade.*** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NUSSBAUM, Martha C. Educação para o lucro, Educação para a Liberdade. **Revista Redescrições–Revista online do GT de Pragmatismo de Filosofia Norte-americana,** v. 1, n. 1, 2009.

PANTERA NEGRA. Direção: Ryan Coogler. EUA,2018

PINHO, Osmundo. **Qual a identidade do Homem Negro?** *Democracia Viva,* Nº 22, P. 64-69.2004.

_____. **Race Fucker: representações raciais na pornografia gay.** *Cadernos Pagu* n. 38, p.159-195, 2012. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100006. Acesso em : 22/02/2018

_____. **The Black Male Body and Sex Wars in Brazil. Queering Paradigms: SouthNorth Dialogues on Queer Epistemologies, Embodiments and Activisms.** LEWIS, Elizabeth S.;BORBA, Rodrigo; FABRICIO, Branca F.; PINTO, Diana de S. (Orgs.), vol. 4, p. 301-321, 2014. Disponível em:
[https://www.academia.edu/8771620/The Black Male Body and Sex Wars in Brazil](https://www.academia.edu/8771620/The_Black_Male_Body_and_Sex_Wars_in_Brazil).
 Acesso em: 02/03/2018

RAMOS, Lazaro. **Na Minha Pele.** 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva,2017.

ROSA, Wladimir. **Homem preto do gueto: um estudo sobre a masculinidade no rap brasileiro.** Brasília: Dissertação (mestrado em antropologia). Departamento de Antropologia, UNB, 2006.

SANTOS, Daniel dos. “**É um cavalo? É um tição? Não, é o Super Negão!**”: Mitos e Estereótipos Sexuais do Negro no Espetáculo *Cabaré da RRRRRaça*. Artigo de Iniciação Científica. Secretaria de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia (SEPROMI) – Centro de Estudos dos Povos Afro-Índio-Americanos (CEPAIA), 2010.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. **As representações do homem negro e suas consequências.** Revista Fórum Identidades, São Cristóvão, v.6, p 97-115, jul./dez. 2009

SOYINKA, Wole. O Leão e a Joia / Wole Soyinka; tradução: William Lagos. – São Paulo: Geração Editorial,2012.

TAAFE FANGA o poder de saia. Direção: Adama Drabo. França,1997

TIBURI, Marcia. **Lugar de fala e lugar de dor.** 2017. Disponível em:
<https://revistacult.uol.com.br/home/lugar-de-fala-e-etico-politica-da-luta/>. Acesso em:
 20/04/2018

WEST, Cornel. **Questão de raça.** Tradução Laura Teixeira Motta. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.